

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA

DEISE LAUANA DOS SANTOS

FORA DOS MUROS DA ESCOLA: SALA DE AULA AO AR LIVRE E A CONEXÃO
COM A NATUREZA

Porto Alegre

2022

DEISE LAUANA DOS SANTOS

**FORA DOS MUROS DA ESCOLA: SALA DE AULA AO AR LIVRE E A CONEXÃO
COM A NATUREZA**

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título
de Licenciada em Ciências Da Natureza na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cecilia de Chiara Moço

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Dos Santos , Deise lauana
FORA DOS MUROS DA ESCOLA: SALA DE AULA AO AR LIVRE
E A CONEXÃO COM A NATUREZA / Deise lauana Dos Santos
. -- 2022.
28 f.
Orientador: Maria Cecilia De Chiara Moço.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Ciências da Natureza,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. SALA DE AULA AO AR LIVRE . I. Moço, Maria
Cecilia De Chiara, orient. II. Título.

LAUANA DOS SANTOS

**FORA DOS MUROS DA ESCOLA: SALA DE AULA AO AR LIVRE E A CONEXÃO
COM A NATUREZA**

Trabalho de conclusão do curso como requisito
parcial para a obtenção do título de licenciada em
Ciências da Natureza, Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Porto Alegre 17 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Maria Cecília de Chiara Moço
UFRGS/Instituto de Biociências

Natália Reginatto
Divisão de Defesa Agropecuária/
Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento

Ana Porto
Doutoranda PPG Botânica/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar saúde e perseverança para continuar a batalhar pelo meu futuro, agradeço a Ele por também haver colocado no caminho de minha vida as pessoas mais importantes que tenho, e que a elas tenho total agradecimento por me incentivarem e me apoiarem no caminho que decidi trilhar.

Aos que gostaria de agradecer neste pequeno gesto de imprimir sentimentos em palavras, tenho em especial, um apreço ao meu marido, que me auxilia e me ajuda nas dificuldades encontradas nesta jornada, me dando total apoio. Ao meu maior presente, dado por Deus, meu filho, que me lembra sempre que o olho, o motivo de estarmos neste mundo, tendo garra para lutar e conquistar mais sabedoria e poder assim transmitir a ele toda essa luta para conquistar suas próprias vitórias.

Com tudo, não posso deixar de ter muita gratidão aos que fazem parte de minha vida, desde a minha existência, minha mãe, meu pai e meus irmãos, que sempre nas situações de dificuldades, me deram apoio e incentivo para seguir meus instintos e persistir nos meus ideais.

Não existem palavras que representem a gratidão que sinto a todos que fazem ou de alguma forma fizeram parte desta minha jornada, nunca esquecendo de meus colegas! Todos vocês, sem exceções, são meus exemplos de vida, minhas maiores inspirações e o meu porto seguro. Sem o apoio de vocês, nada disso teria sido possível. Amo muito vocês!

E de uma forma muito especial, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Maria Cecília, por todos os ensinamentos, paciência (não só neste período final) e pela tranquilidade e objetividade de que eu tanto precisava.

Agradeço a todos(as) os professores e as professoras que fizeram parte da trajetória, desde a época de Colégio até agora. Foram muitos, mas cito o Prof. Eduardo Moreira, que leciona no meu município de origem, na disciplina de Biologia, e foi quem me contagiou a seguir neste ramo didático.

À banca, Natália Reginatto e Ana Porto, por aceitarem o convite e pela inspiração que proporcionaram a este trabalho.

Por fim, a todos(as) os professores e professoras que participaram desta pesquisa e tornaram-na realidade.

RESUMO

O uso de áreas verdes para saídas de campo com os alunos aumenta a motivação, favorece a aprendizagem e trazem uma conexão com a natureza. Além dos benefícios no âmbito da aprendizagem, também trazem bem-estar que influenciam positivamente na saúde física e mental do educando. O objetivo deste trabalho foi investigar o uso das áreas verdes pelos educadores do ensino fundamental da rede pública municipal de Riozinho no estado do Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi realizada através de aplicação de questionário aos professores das escolas. Os resultados mostraram que os docentes utilizam com baixa frequência as áreas verdes das escolas. Entretanto, quando utilizam, observam aderência das atividades por parte das e dos estudantes. O tempo de planejamento foi apontado como uma desvantagem. Também foi possível perceber que os professores não tiveram este tipo de atividade na sua formação de professores, nem inicial nem continuada e que este fator pode estar influenciando na insegurança no uso desses espaços na atuação profissional.

Palavras-chave: aprendizagem; áreas verdes; meio ambiente; pátio escolar.

ABSTRACT

The use of green areas for field trips with students increases motivation, improves learning and brings a connection with nature. In addition to the benefits in the context of learning, they also bring welfare that positively influence the physical and mental health of the student. The main goal of this work is to investigate the use of green areas by elementary school educators in the public school of Riozinho in the state of Rio Grande do Sul. Data collection was carried out through the application of a questionnaire to school teachers. The results showed that teachers use green areas in schools with low frequency. However, when they use it, they observe adherence to activities by the students. The planning time was pointed out as a disadvantage. It was also possible to perceive that teachers did not have this type of activity in their teacher training, neither initial nor continuing and that this factor may be influencing insecurity in the use of these spaces in professional practice.

Keywords : learning; green areas; environment; school yard.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. OBJETIVOS.....	10
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
4. METODOLOGIA.....	13
5. PÚBLICO ALVO E AMOSTRAGEM.....	13
5.1. Instrumento de coleta de dados.....	13
5.2. Análise dos dados.....	14
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
6.1. Perfil dos Professores.....	14
6.2. Análise do questionário aplicado.....	16
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
8. REFERÊNCIAS.....	23
APÊNCICE A.....	25
APÊNDICE B.....	26

1. INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa surgiu a partir de lembranças das aulas mais inesquecíveis que tive durante a época da escola, na matéria de ciências. As lembranças pessoais dos entornos da escola, espaços verdes que utilizávamos durante aulas interativas, com total contato com a natureza e com a educação. Recordo com ricos detalhes, as saídas de campo, onde toda a turma era incumbida de explorar o ambiente verde disponibilizado no entorno da escola. Outras vezes, seguíamos para áreas verdes do próprio município em busca de plantas e insetos, dado que a localização privilegiada de Riozinho (Rio Grande do Sul/Brasil), apresenta muitos locais de mata e vegetação abundante. Dependendo da disciplina íamos observar as paisagens da região.

A contribuição feita pela utilização de uma área verde pode ser significativa para o processo de ensino e aprendizagem, e diga-se, marcante para toda vida do educando.

Segundo Lima (apud BENINI e MARTIN, 2009): conceito de áreas verdes:

Área Verde: onde há o predomínio de vegetação arbórea; engloba as praças, os jardins públicos e os parques urbanos. Os canteiros centrais e trevos de vias públicas, que têm apenas funções estética e ecológica, devem, também, conceituar-se como Área Verde. Entretanto, as árvores que acompanham o leito das vias públicas, não devem ser consideradas como tal. Como todo Espaço Livre, as Áreas Verdes também devem ser hierarquizadas, segundo sua tipologia (privadas, potencialmente coletivas e públicas). (LIMA apud BENINI e MARTIN, 2009, p. 65)

Nos dias atuais percebemos o quão essencial e fundamental é fazer com que o educando tenha esse contato com a natureza. Já que, se analisarmos o momento atual, percebemos que a realidade de agora é diferente daquela que vivemos quando éramos crianças. A escola, pode ser o lugar ao qual a criança poderá ter mais contato com esse tipo de ambiente natural, mais do que em seu meio familiar, dependendo da realidade que cada família vive. Nos dias corridos em que vivemos e com a ampla gama de apetrechos eletrônicos disponíveis, é mais prático prender a atenção em coisas materiais, do que perceber o meio ambiente.

A escola, como agente transformador, trabalha para que seus educandos percebam a necessidade de uma relação mais equilibrada entre a sociedade e a natureza, instigando a curiosidade do educando em conhecer o meio em que vive, e sua diversidade. Desta forma, contribui para uma sociedade sustentável.

As escolas são fundamentais para a conscientização ambiental, pois é o lugar nato de aprendizado e que contribui para a formação de cidadãos, ou seja, intermedia a formação de agentes transformadores do espaço em que vivem.

Segundo Fedrizzi (1999), o ensino e aprendizagem podem acontecer no pátio com qualquer disciplina utilizando como complemento do que é ensinado em sala de aula.

Quando nos referimos às atividades de campo no ensino de Ciências, nos reportamos à ideia de uma estratégia de ensino em que se substitui a sala de aula por outro ambiente, sendo ele na natureza propriamente dita ou nas dependências da própria escola, onde existam condições para estudar as relações entre os seres vivos que ali vivem, incluindo a interação do homem nesse espaço, explorando aspectos naturais, sociais, históricos, culturais, entre outros. Essas aulas podem ocorrer em um jardim, uma praça, um museu, uma área de preservação, um bairro, incluindo desde saídas rápidas ao entorno da escola.

Fernandes (2007, p.22) define atividade de campo em Ciências como “toda aquela que envolve o deslocamento dos alunos para um ambiente alheio aos espaços de estudo contidos na escola”. As atividades de campo permitem o contato direto com o ambiente, possibilitando que o estudante se envolva e interaja em situações reais, confrontando teoria e prática, além de estimular a curiosidade e os sentidos.

Carbonell (2002), cita Gardner (2000) quando discute que a mente tem a capacidade de aprender e reter melhor as informações quando o corpo interage de maneira ativa na exploração de lugares, enquanto experiências em que o sujeito é passivo tendem a ter impacto de curta duração e atenuam-se com o tempo. Assim, afirma que:

São necessários espaços físicos, simbólicos, mentais e afetivos diversificados e estimulantes (...), aulas fora da classe, em outros espaços da escola, do campo e da cidade. Porque o bosque, o museu, o rio, o lago (...), bem aproveitados, convertem-se em excelentes cenários de aprendizagem (CARBONELL, 2002, p.88).

O trabalho buscou investigar o papel das áreas verdes no ensino e aprendizagem de Ciências a partir da percepção dos educadores do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do município de Riozinho, Rio Grande do Sul, do Ensino Fundamental, visando entender sobre sua utilização dentro do desenvolvimento do ensino.

2. OBJETIVOS

O objetivo principal do trabalho foi investigar o uso das áreas verdes pelos educadores do ensino fundamental da rede pública municipal de Riozinho no estado do Rio Grande do Sul.

Com a amplitude do objetivo fez-se necessário buscar especificamente:

- a) Identificar os pontos positivos da utilização das áreas verdes;
- b) Identificar as dificuldades encontradas na utilização das áreas verdes pelos educadores.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Utilizar espaços alternativos fora da sala de aula para auxiliar no ensino e aprendizagem possibilitam aulas enriquecedoras tanto como memoráveis, despertando o interesse e curiosidade dos alunos. De acordo com Benini e Martin (1996, p. 26) "as áreas verdes têm a função de se constituir um espaço "social e coletivo", sendo importante para a manutenção da qualidade de vida. Por facilitar o acesso de todos, independentemente da classe social, promove integração entre os homens".

Viera et al. (2005), ao analisar o uso de diferentes locais em atividades de ensino de Ciências, elencaram diversos pontos positivos do uso dessa estratégia metodológica. Conforme os pontuais da autora, a utilização destes espaços não formais, trazem a possibilidade de aulas multidisciplinares e com um foco mais amplo, e não metodológico. Se dispõe de um amplo leque de possibilidade de introdução a matéria ensinada, com aulas ministradas em ambientes fora da sala de aula convencional, onde se é possível atrair mais o interesse do educando. No ambiente aberto se explora todos os sentidos, elementos físicos e reais, pensando no campo de ciências. Obviamente, as outras disciplinas também se utilizam da paisagem e destes fatores reais para contextualizarem suas matérias.

Com base no trabalho de Fägerstam (2013) há várias formas de fazer uso destes espaços, e que contribuem para o ensino e aprendizagem, para um aumento da participação do educando, o engajamento significativo e melhora na relação discente-docente. Em uma visão aprofundada, é possível ver o quanto é positivo a realização de aulas nesses espaços. Já que seu uso não limita a eficácia da aprendizagem, mas sim auxilia e enaltece a matéria passada.

O contato com a natureza no ensino da ciência cria possibilidades e experiências e também estimula a imaginação, fugindo das aulas engessadas. Santos (2012, p. 45) faz uma crítica a este tipo de aula engessada no Ensino Fundamental quando afirma que não se deve denominar "de ciências" uma aula que se baseia [...] na 'dinâmica' de livro didático, matéria na lousa e questionário, com aulas expositivas e mecânicas".

Dessa forma, o educador de ciências deve desenvolver um ensino de Ciências que busque criar possibilidades para a produção do conhecimento, e não a sua simples transferência (FREIRE, 1996). Dessa maneira, o(a) discente tem um papel tão importante quanto o do(a) docente no processo de construção do conhecimento, não agindo apenas como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo (FREIRE, 1996). Neste processo educacional, é preciso, também, considerar o educando como um sujeito ativo, oferecendo oportunidade de agir sendo

um protagonista da sua aprendizagem. Somente deste modo pode haver uma relação gratificante para ambos os lados.

Conforme menciona Fedrizzi (1999, p. 13), “o uso do pátio escolar como um recurso educacional pode ser um meio para alcançar esses objetivos”. A autora justifica que “a matéria de Ciências está entre as mais fáceis de se ensinar ao ar livre, porque na rua você encontra terra, pedras, ar, água e, se é um bom pátio escolar, uma grande quantidade de vida”. Com o que diz a autora, podemos entender que não devemos pensar que uma aula fora da sala de aula convencional deva ser, de um modo geral, em um local distante do meio escolar, mas sim, usando os recursos da própria estrutura da escola, como apenas o uso do próprio pátio, onde o educando o utiliza para o seu intervalo de aula, pode ser um meio de ensino, sendo usado para sua aprendizagem.

De um modo geral, é perceptível que há um descaso com essas opções de estar fora de uma sala de aula convencional, podemos dizer que seja devido ao modelo educacional que rege nossas escolas, onde o aprendizado se dá com conteúdo copiado do quadro. Mas será que o uso desses espaços não poderia melhorar a condição educacional? Será que não traria maior interesse do educando ao aprendizado? O que é possível afirmar, e por experiência vivida, é que ao educando, poder sair de dentro da sala de aula e poder estar ao ar livre compartilhando conhecimentos, é gratificante e o acolhe ainda mais para querer estar focado em seus estudos. O uso do pátio escolar como recurso educacional pode ajudar a tornar a escola um lugar mais atrativo para os(as) alunos(as) (FEDRIZZI, 1999).

A escolha do local para uma aula de campo, (ao ar livre) também é importante. Quanto maior for a diversidade do ambiente escolhido para o estudo, maior a gama de conteúdos que poderão ser tratados, enriquecendo-se assim o contexto das aulas (CARVALHO, 1989).

A motivação é fundamental para que ocorra uma aprendizagem significativa, não há um único caminho que conduza à aprendizagem, pois são inúmeras as possibilidades nesse processo. Assim, as estratégias adotadas podem garantir com que o aluno tenha maiores oportunidades para a construção do seu conhecimento fornecendo para os alunos diferentes abordagens do conteúdo, ou seja, os alunos vivenciam um maior número de atividades que melhor os ajudem a compreender o tema estudado (SANMARTÍ, 2002; BUENO, 2003).

Dentre as estratégias que os professores adotam para ensinar seus alunos, eles podem planejar (aulas expositivas, discussões, demonstrações, aulas práticas de laboratório, entre outras) a atividade de campo pode constituir uma excelente alternativa metodológica que permite explorar múltiplas possibilidades de aprendizagem dos alunos, desde que bem planejada e elaborada. Reginatto (2018) registrou que os professores utilizavam essas áreas fora

da sala de aula para desenvolver projetos interdisciplinares, atividades lúdicas ou de exploração e observação, mas não descartaram o uso para atividades tradicionais. De forma geral, a autora também constata que os professores notaram uma melhoria na aprendizagem conceitual de seus alunos.

Bueno (2003, p.50) destaca, “o professor deve conhecer o produto e o processo que o dispõe a compartilhar com seus estudantes.” Sobretudo, os alunos devem saber que a saída não é apenas lazer, mas outra forma de aprender e conhecer lugares, novos ou não (CARVALHO, 1989).

4. METODOLOGIA

A pesquisa tem uma abordagem mista, com questões abertas e fechadas, direcionadas a formação do docente e suas experiências. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CAAE: 52480221.6.0000.5347).

5. PÚBLICO-ALVO E AMOSTRAGEM

O público-alvo deste trabalho foram os professores do ensino fundamental de educação básica do município de Riozinho, RS. Por se tratar de um município pequeno, foi possível realizar uma visita nas duas escolas do município e foram contabilizados sete professores.

Todos os professores receberam o link do questionário e todos aceitaram participar da pesquisa, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). Os professores participantes foram identificados com códigos alfanuméricos: P1, P2, e assim em diante.

5.1 Instrumento de coleta de dados

O questionário (Apêndice B) foi construído para ser breve, de modo a se obter um engajamento maior dos professores(as). Sua elaboração foi através do *Google Forms*, onde em sua composição, foi destinado seis (6) perguntas iniciais, para conhecimento do perfil do docente, focando em sua formação, anos de carreira docente e seus hábitos em relação ao uso de locais fora das salas de aula.

Na sequência, o foco parte para uma consulta sobre a utilização ou não dos espaços fora da sala de aula convencional como um recurso de ensino, agregador de aprendizagem. As

questões abordam sobre esta utilização de espaços, se o professor faz uso ou não deste opcional, assim como, se ele o usa, percebe a existência de benefício para a aprendizagem ou não.

5.2 Análise dos dados

Foi realizada uma análise quantitativa das respostas das questões objetivas propostas. A frequência das respostas foi ilustrada na forma de gráficos.

A avaliação e apreciação das respostas dos docentes foi feita de modo imparcial, visando a compreensão de suas posições perante aos questionamentos sobre o uso dos locais fora da sala de aula convencional, e se aprovam o uso destes, para uma agregação no modo convencional de ensino.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise do questionário aplicado, foi possível compreender um pouco sobre o docente, e ser capaz de entender sobre suas metodologias de ensino e assim compor uma base teórica de como ele foi alocado a utilização de espaços não convencionais para a construção de aprendizagem.

6.1 Perfil dos Professores

Os professores participantes têm formação inicial diversa, incluindo as áreas de exatas, humanas e ciências. Fator esse importante, pois como afirma Fedrizzi (1999), o ensino e aprendizagem podem acontecer no pátio com qualquer disciplina utilizando como complemento do que é ensinado em sala de aula e vice-versa.

Um deles ainda está com o curso de graduação em andamento, porém quatro deles apresentaram cursos de formação continuada completos. Não se observou relação entre o tempo de docência e a realização de pós-graduação.

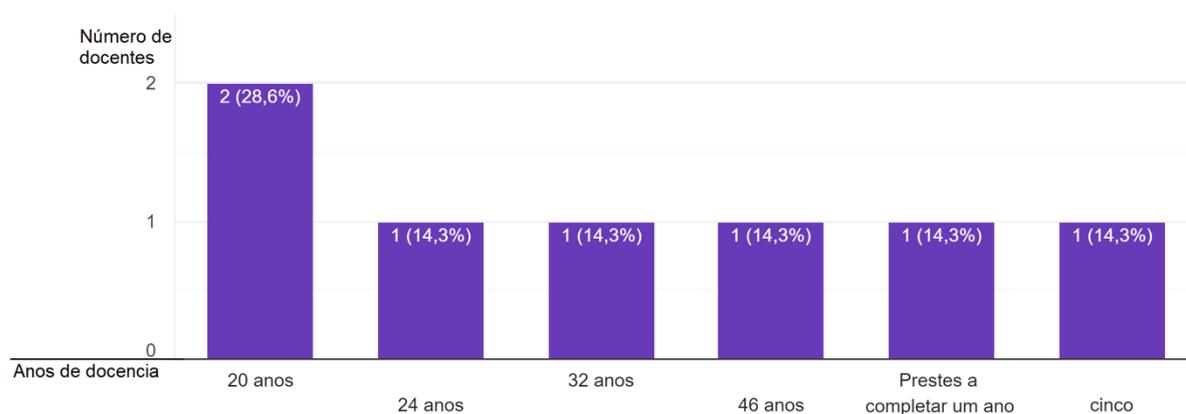
Quadro 1 – Resumo das informações dos professores participantes da pesquisa sobre a sua formação inicial e continuada.

PROFESSORES	FORMAÇÃO INICIAL*	ANOS DE DOCÊNCIA	FORMAÇÃO CONTINUADA*
P1	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	5	Especialização
P2	LINGUA PORTUGUESA E LITERATURA DA LINGUA PORTUGUESA	46	Pós-Graduação em Psicopedagogia
P3	LICENCIATURA EM PEDAGOGIA	20	Pós-Graduação em alfabetização e letramento
P4	EDUCAÇÃO DO CAMPO	32	Não realizado
P5	POS GRADUACAO	24	Pós graduação
P6	LICENCIATURA EM LETRAS	20	Não realizado
P7	LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLOGIA	Menos de 1 ano	Graduando

* as informações foram transcritas igual ao original do formulário. Fonte: Da autora

A criação do Quadro 1, foi baseada e estruturada nas primeiras questões aplicadas no questionário, que tinha a intenção de se conhecer o perfil dos docentes. Pode-se notar que apenas um dos participantes é da área de ciências. Percebe-se também que cinco dos participantes concluíram uma pós-graduação.

Figura 1 - Gráfico com a distribuição das respostas sobre os anos de docência.



Fonte: Da autora

O Gráfico 1 mostra que temos uma média alta em relação aos anos de docência, onde em sua maioria, possuem mais de 20 anos. A questão 4 era específica para saber quantos anos de docência na escola pública. Verificou-se que, em sua maioria, possuem mais de doze anos de docência nesta rede de ensino.

Nas respostas da questão quatro:

4. Quantos anos de docência na escola pública você possui?

Pode-se verificar que quase todos atuaram somente em cidades do interior. O município de Riozinho é uma localidade pequena e, por esse motivo, observa-se que os professores também são moradores locais, com residência fixa e famílias constituídas na localidade, o que justifica os anos de carreira.

6.2 Análise do questionário aplicado

Questão 6. Durante a sua formação na graduação, os ecossistemas e os biomas do Rio Grande do Sul foram explorados em alguma atividade de ensino?

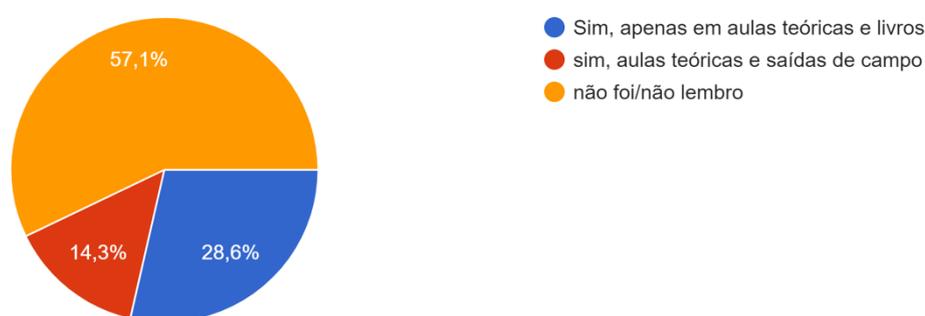
Na questão seis tivemos uma distribuição equilibrada, pois 42,9% tiveram aulas sobre o tema ecossistemas e biomas do RS, enquanto 57,1% não tiveram ou não lembram de ter tido. No entanto, essas aulas foram na maioria (28,6%) somente através de aulas teóricas e livros, e 14,3% tiveram a oportunidade de ter as aulas teóricas com saídas de campo.

Para os docentes que tiveram a oportunidade de saídas de campo em sua formação, podemos dizer que são privilegiados, pois essa prática auxilia no aprendizado, de acordo com James e Williams (2017, p. 61) “aplicar conteúdos trabalhados em sala de aula em contextos

concretos e relevantes para a vida real levam a uma aprendizagem mais significativa e a um desenvolvimento mais efetivo do pensamento crítico”.

A constatação de que a maioria teve somente aulas teóricas e livros, corrobora com Trojan (2008) quando afirma que, historicamente, essa relação entre teoria e prática no processo de formação docente é um processo de difícil solução.

Figura 2 – Gráfico com o percentual sobre as saídas de campo na formação docente.

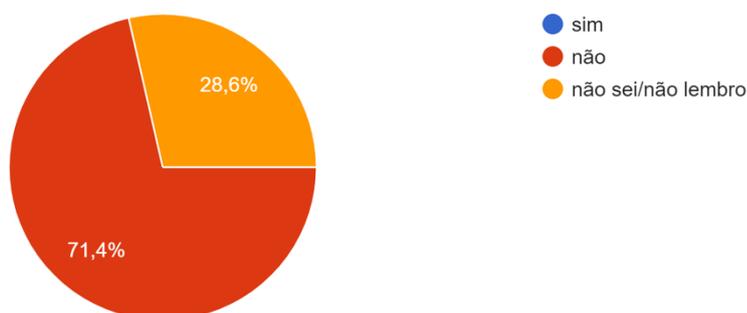


Fonte: Da autora

Questão 7. Alguma formação após a graduação abordava os ecossistemas e os biomas do nosso estado?

Além da formação deficitária na graduação, constatamos que nenhum dos participantes teve aulas sobre o tema em formação continuada, sendo que 28,6% nem sequer lembravam se tiveram esse tipo de aula.

Figura 3 – Gráfico com o percentual sobre a abordagem na pós-graduação sobre os biomas.



Fonte: Da autora

A análise conjunta das questões seis e sete, indica que a grande maioria dos participantes não teve contato com áreas verdes fora da sala de aula durante sua formação docente. O resultado das questões, deste modo, nos leva a compreender por que os educadores resistem em explorar esses espaços alternativos. Os professores tendem a reproduzir os mesmos métodos que seus professores utilizaram na sua vida acadêmica. De acordo com Pimenta (2006), é necessário que haja um estreitamento da relação entre teoria e prática, pois no processo de formação “o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos” (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 12).

Questão 8. Você costuma planejar saídas de campo com seus alunos para áreas naturais do município ou proximidades?

Todos os docentes afirmam que costumam planejar saídas com seus alunos, de modo a poder tirar proveito das áreas fora da sala de aula convencional, e agregar no ensinamento de sua disciplina. O docente P7 acrescentou:

P7: Costumo pensar na funcionalidade, se faz alusão ao conteúdo sim, ou ainda, se tiver algo que acrescente a formação dos alunos.

Os professores devem considerar a possibilidade de ensinar fora da sala de aula sempre que esse contexto faça sentido (e.g. FÄGERSTAM, 2014), avaliando o seu potencial no enquadramento de conceitos e significados.

Além disto, podemos verificar que essas saídas melhoram, na maioria dos casos, os resultados de aprendizado do educando, como afirma Fägerstam (2012), que o ensino e aprendizagem nos espaços externos da escola contribui para mudanças relacionadas ao interesse, engajamento, divertimento e relacionamento, indicativos de aulas mais agradáveis.

Deste modo, além de poder agregar a matéria ensinada, as saídas de campo têm o potencial de melhorar a eficácia do aprendizado do educando.

Questão 9. Com que frequência ocorrem essas saídas de campo?

Os docentes costumam realizar tal evento, duas vezes ao ano, mas não possuem uma periodicidade. Somente o docente P3, não costuma fazer uso dos espaços externos, e por isso foi retirado da análise. Com essa afirmação do docente P3, podemos acreditar que ele em sua formação, não teve muito contato com aulas fora da sala de aula convencional, o que remete a sua visão de aplicação do conteúdo de sua matéria. Com isso, se faz necessário a reversão desta

visão reducionista, como afirma Azevedo et. al. (2011, p. 15), a qual não vê “a educação como uma atividade mais criativa, prazerosa e menos controladora, em não levar em conta o potencial das áreas livres para o processo educativo”.

Em uma visão geral, não devemos considerar que as saídas de campo devem ser para lugares distantes da escola, mas planejar saídas para o próprio pátio escolar, já que o uso dele como recurso educacional pode ajudar a tornar a escola um lugar mais atrativo para os(as) alunos(as) (FEDRIZZI, 1999).

Questão 10. Quais os aspectos da área natural você costuma explorar? (Flora, fauna, funga, bioma, ecologia, outra)

As respostas dos participantes foram bem curtas e diretas, e se concentraram nas opções disponíveis na pergunta. Quatro se referiram a flora e fauna, enquanto um disse se concentrar em lugares direcionados a patrimônios históricos e culturais. Somente um dos participantes formulou uma resposta genérica de que o aspecto dependeria do contexto geral da disciplina.

O docente P2, nos afirma que faz uso de locais externos, mas opta para locais mais voltados a cultura, como lugares históricos, museus, etc. Esses espaços apontados pelo docente, são espaços não formais de aprendizagem constituem, por norma, contextos ricos e desafiantes propensos à aplicação de conhecimentos, ao mesmo tempo que influenciam positivamente as aprendizagens, as atitudes, o interesse e a motivação dos alunos (e.g. FÄGERSTAM, 2014, HOVARDAS, 2016).

Questão 11. Quais os locais que melhor se enquadram na aplicação de conteúdos que ministra, nas áreas do município?

Todos os participantes afirmam utilizar áreas naturais do município para saídas de campo com seus alunos, exceto o P2 que declarou na resposta anterior que dá preferência a locais destinados à cultura. Constata-se que as áreas naturais do município são bem-vistas pelos docentes e consideradas locais adequados para lecionar.

Questão 12. Nesta sua experiência, se houve, qual sua avaliação na utilização desta área para aplicar no ensino? (vantagens e desvantagens)

Verificou-se nas respostas, que mesmo havendo pouca utilização dos espaços fora da sala de aula convencional, os docentes que participaram da pesquisa, afirmam que têm muitas vantagens em usufruir desta alternativa de ensino. Como segue em suas respostas:

P1: “...atraí os alunos para a compreensão dos conteúdos aplicados ao dia a dia.”

P2: “Vantagens, pois amplia o conhecimento do estudante proporciona-lhe novas experiências de vida.”

P3: “A vantagem é que assim os alunos aprendem na prática, não só na teoria e assimilam melhor os conteúdos.”

P4: “São ótimas, por estarem inseridos neste contexto.”

P5: “No concreto os alunos entendem com mais facilidade.”

P6: “Observar a importância de cuidar do meio em que vivemos.”

P7: “Vantajoso, pois os alunos aprendem na prática e fazem as conexões com o cotidiano.”

Proporcionar o contato com o ar livre demonstra um cuidado com o bem-estar dos(as) discentes, uma vez que este, entre outras coisas, facilita a concentração e diminui o estresse (FEDRIZZI, 1999). De modo geral, os docentes participantes concordaram que o educando aprende não só com a teoria, mas também com a prática.

Por outro lado, o docente P1 aponta uma desvantagem para essas saídas, afirmando que há necessidade de muito planejamento para suas execuções. Com isso, vejo que se o docente considerasse o pátio da escola como uma opção, talvez os seus estudantes usufríssem mais vezes de aulas ao ar livre.

Questão 13. Nesta sua experiência, se houve, qual sua avaliação quanto a participação dos alunos e alunas?

Após a avaliação das respostas notou-se que todos os docentes avaliaram de forma positiva a utilização dos espaços fora da sala de aula convencional. O docente P5 disse que a participação foi satisfatória, o P1 manifestou que foi “boa”, porém os demais participantes demonstraram que a participação foi muito maior do que nas aulas tradicionais. O docente P4 acrescentou: “Todos demonstram interesse, porque observam e dão significados.”

O docente P3, anteriormente tinha afirmado que não tinha o costume de fazer saídas de campo, porém ele afirmou nesta questão que os alunos “Foram muito participativos” nas poucas saídas que ele havia proposto. Talvez, se durante sua formação docente, tivesse tido um incentivo maior para a utilização dos espaços fora da sala de aula convencional, ele teria hoje, maior confiança em executar sua vontade de ensinar sua matéria fora da sala de aula.

Os resultados corroboram com Fägerstam (2013), que segundo a autora, “[...] o aprendizado ao ar livre na escola tem um efeito positivo na participação do aluno e no seu

comportamento social, que tem um grande potencial educacional. ” (FÄGERSTAM, 2013, p. 20).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho visou compreender sobre os docentes que lecionam no município de Riozinho, Rio Grande do Sul, focando em ter uma base sobre suas formações e relacionando isso com suas experiências de utilização de locais externos a sala de aula, para a aplicação de suas disciplinas.

A pesquisa foi voltada para os docentes em geral, não sendo direcionada apenas a disciplina de Ciências, e com isso houve participantes de diversas áreas, fator que enriquece o conteúdo da pesquisa. Foi possível perceber que há uma gama enorme de possibilidades para a utilização destes espaços, onde através deste estudo, percebemos que a utilização destes espaços externos, agrega em todas as disciplinas, trazendo aos educadores e educandos uma conexão maior com ação de CONSTRUÇÃO do conhecimento.

De um modo geral, a pesquisa nos mostra que os espaços fora da sala de aula convencional, possuem o potencial de trazer para perto o interesse do educando com a matéria lecionada e ajuda em seu desenvolvimento acadêmico.

Uma característica chama a atenção na pesquisa ao analisar o questionário aplicado, pois temos dados que nos mostram que em sua maioria, os docentes entrevistados, não tiveram contato com locais fora da sala de aula convencional em sua própria formação acadêmica. Deste modo, posso pensar e deduzir que esse docente, pode ter receios de fazer uso destes espaços, fator esse também visto em algumas questões aplicada, e isso pode trazer a eles uma insegurança em criar uma rotina para agregar a suas disciplinas fatores encontrados fora da sala de aula convencional, como o contato do educando com o meio onde vive.

Mesmo com essa situação, os docentes demonstram ter interesse em praticar as saídas de campo, em sua maioria fazem saídas semestrais (duas vezes ao ano). Não há uma periodicidade na utilização destes espaços.

Contudo, vejo de um modo positivo a conclusão desta pesquisa, pois foi possível ter a percepção que mesmo havendo algumas desvantagens e alguns fatores de formação acadêmica, os professores em geral, fazem uso, mesmo que pouco, destes locais e avaliam sua utilização de forma positiva.

Acredito que se estes mesmos docentes, em suas formações acadêmicas, tivessem tido um contato maior com a experiência de estar fora da sala de aula convencional, hoje aplicariam

de um modo mais rotineiro essa opção de ensino, enriquecendo ainda mais suas disciplinas e agregando mais conhecimento aos seus alunos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI, Vera Regina (Ed.). **O Lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços Livres: uso, forma e apropriação**. Rio Books, 2011.
- BENINI, Sandra Medina; MARTIN, Encarnita Salas. Decifrando as áreas verdes públicas. **Revista Formação**, n.17, volume 2, 2009.
- BRASIL. Lei Federal no. 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Brasília, DF. 1999
- BUENO, A. de P. La construcción del conocimiento científico y los contenidos de ciencias. In: ALEIXANDRE, M. P. J. (Coord.) **Enseñar ciencias**. Barcelona: Editorial GRAÓ, pp.33-54, 2003.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002. (Coleção Inovação Pedagógica)
- CARVALHO, L. M. **A temática ambiental e a escola do 1o grau**. São Paulo, 1989. 286 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1989.
- FÄGERSTAM, Emilia. High school teachers' experience of the educational potential of outdoor teaching and learning. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**. Suécia, v. 14, p. 56-81, 2013.
- FEDRIZZI, Beatriz. **Paisagismo no pátio escolar**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.
- FERNANDES, J. A. B. **Você vê essa adaptação? A aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico**. São Paulo, 2007. 326p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARDNER, H. **Inteligência: Um Conceito Reformulado**. Editora Objetiva. São Paulo - SP, 2000 p. 85.
- HOVARDAS, T. Primary school teachers and outdoor education: Varying levels of teacher leadership in informal networks of peers. **The Journal of Environmental Education**, v.47, n.3, p.237-254, 2016.
- JAMES, Joan K.; WILLIAMS, Theresa. School-Based Experiential Outdoor Education: a neglected necessity. *Journal of Experiential Education*. Estados Unidos, v. 40, n. 1, p. 58– 71, 2017.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; MAUÉS, Ely. Uma Releitura do Papel da Professora das Séries Iniciais no Desenvolvimento e aprendizagem de Ciências das Crianças. **Revista Ensaio**. Belo Horizonte. v. 8, n. 2, p. 161-175, set./nov. 2006.

PIMENTA, S. G. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: Pimenta & Ghedin (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez Ed, 2002

REGINATTO, N. A. **Pátio escolar: espaço para ensino e aprendizagem de ciências**. Trabalho de Conclusão Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI Vera Regina (orgs.). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ p. 13-18, 2011.

SANMARTÍ, N. **Didáctica de las ciencias en la educación secundaria obligatoria**. Madrid: Síntesis Educación, 2002.

SANTOS, Emerson Isidoro. **Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental: produção de atividades em perspectiva sócio-histórica**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI Maria Lúcia e DIAS, Monique. Espaços não-formais de Ensino e o Currículo de Ciências. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 57, n. 4, 2005.

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da pesquisa intitulada FORA DOS MUROS DA ESCOLA: SALA DE AULA AO AR LIVRE E A CONEXÃO COM A NATUREZA, sob a responsabilidade da pesquisadora **DEISE LAUANA DOS SANTOS** e sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Cecília de Chiara Moço. O objetivo deste trabalho é investigar o uso educativo das áreas verdes naturais do município de Riozinho pelos professores do ensino fundamental da rede pública municipal. A pesquisa terá duração de quatro meses, com término previsto para dezembro de 2021.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de formulário eletrônico cujo link será enviado por e-mail. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, em nenhum momento será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído por um código alfa-numérico. Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revista científicas.

Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração. Os únicos riscos relacionados a sua participação podem ser de cansaço durante a execução do formulário. O benefício é que as informações serão úteis para estimular os professores do ensino fundamental no uso educativo das áreas verdes da região.

Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com deiselauana@hotmail.com ou pelo telefone +55 51 9655 5614 o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP-UFRGS) através do telefone +55 51 3308 3738 e endereço Av. Paulo Gama, 110, Sala 311 - Prédio Anexo I da Reitoria, Campus Centro, Porto Alegre - RS.

Tendo em vista os itens acima apresentados, você, de forma livre e esclarecida, aceita participar desta pesquisa?

SIM / NÃO

APÊNDICE B

Questionário aplicado aos professores participantes da pesquisa

1. Qual a sua formação na graduação?
2. Qual a sua formação após a graduação (cursos de formação continuada, especialização, mestrado, doutorado, outros)
3. Quantos anos de docência você possui?
4. Quantos anos de docência na escola pública você possui?
5. Das instituições que lecionou, todas eram localizadas em cidades do interior do estado?
6. Durante a sua formação na graduação, os ecossistemas e os biomas do Rio Grande do Sul foram explorados em alguma atividade de ensino?
7. Alguma formação após a graduação abordava os ecossistemas e os biomas do nosso estado?
8. Você costuma planejar saídas de campo com seus alunos para áreas naturais do município ou proximidades?
9. Com que frequência ocorrem essas saídas de campo?
10. Quais os aspectos da área natural você costuma explorar? (Flora, fauna, funga, bioma, ecologia, outra)
11. Quais os locais que melhor se enquadram na aplicação de conteúdos que ministra, nas áreas do município?
12. Nesta sua experiência, se houve, qual sua avaliação na utilização desta área para aplicar no ensino? (vantagens e desvantagens)
13. Nesta sua experiência, se houve, qual sua avaliação quanto a participação dos alunos e alunas?